



DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**
Equinócio de primavera, setembro de 2012, nº 156



 Mirella Faur

TIAMAT, A SENHORA DO CAOS PRIMORDIAL

Na medida em que as antigas sociedades matrifocais, centradas na reverência à vida e à Deusa, foram substituídas por hierarquias patriarcais e masculinas - que enalteciam o poder de tirar a vida - começou um longo e insidioso processo de "destronar a Deusa" para dar sustentação e legitimidade à nova cultura patriarcal e guerreira. A Deusa passou a ser vista como a força caótica da natureza, que precisava ser domada e subjugada, enquanto o Deus assumiu o papel de único criador e detentor do poder espiritual. As deusas das culturas paleolíticas e neolíticas foram rebaixadas do seu status de Mães Criadoras, Senhoras da Terra e da Natureza e subordinadas aos deuses da nova ordem. A religião foi desviada da reverência à Deusa, Terra, Lua, mãe, mulher, vida, dirigida agora para o céu, Sol, Deus, homem, pai, guerra, morte e uma nova hierarquia espiritual foi estabelecida para acompanhar a estrutura social. A Deusa foi relegada a um plano secundário nos mitos como mãe, esposa, amante ou filha de deuses dominantes. As Grandes Mães Divinas cultuadas como Senhoras da Terra e dos seus ciclos e frutos, foram reduzidas a meras personificações da terra e da matéria.

Os novos mitos de criação foram desvirtuados dos conceitos primordiais em que a Deusa criava o universo e a vida. A Mãe Criadora - que gerava tudo que existia de si mesma, sendo assim parte e uma com toda a criação - foi reduzida a uma simples matéria prima modelada pelo Senhor. Pela primeira vez nos mitos, o deus se torna o Criador do céu e da Terra, enquanto a Deusa antigamente era o próprio Céu e Terra. O conceito de fazer é diferente de ser, aquilo que é criado não é necessariamente feito da mesma substância do criador e, portanto, pode ser inferior, enquanto o que emerge da mãe, é parte intrínseca e idêntica a ela.



Com o intuito de despojar a Deusa de Seu antigo poder e da Sua importância toda abrangente de outrora, os mitos foram reescritos por patriarcas e profetas enfatizando os poderes de Deus. À Deusa foram atribuídos - não mais a totalidade dos aspectos da criação -, mas somente as forças consideradas "escuras" e maléficas. Seus símbolos foram reduzidos, prevalecendo dragões e serpentes (que deviam ser vencidos e mortos por semideuses ou heróis), escuridão, noite, magia, feitiços, pássaros agourentos, lua negra, gatos pretos, todos sinônimos de perigo e azar. Para invocar a benevolência dos

novos deuses e para justificar a matança de prisioneiros, escravos, mulheres e crianças "inimigas", novas lendas que estimulavam o derramamento de sangue humano surgiram para aplacar a ira divina e consagrar as terras conquistadas, antes abençoadas pelo sangue menstrual das sacerdotisas e pelos ritos de fertilidade realizados nas estações apropriadas.

Como exemplo, podemos analisar o mito babilônio Enuma Elish, um poema épico da criação escrito em torno de 2000 a.C. e reescrito entre 668-626 a.C. O poema mítico foi gravado sobre sete pastilhas de argila, contém aproximadamente 100 linhas e era usado como um canto para louvar o Novo Ano. Na mitologia babilônia, antes que o mundo tivesse sido criado, existiam apenas: Tiamat, a deusa-dragão, a Mãe primordial do Todo, que era a personificação da água salgada dos oceanos e Apsu, o regente da água doce, a origem dos rios, riachos e lagos. A deusa Tiamat era a força primeva e selvagem do universo antes de ser estabelecida a ordem, descrita como uma Grande Serpente Marinha, porém tendo cabeça com chifres, pescoço, asas e pés com garras, ou seja, características de um Dragão. Segundo o mito, Tiamat deu origem a tudo aquilo que existe, sendo mãe, avó e bisavó de todos os seres e deuses do mundo. Um dos títulos de Tiamat é a "Grande Serpente de Fogo", o que faz clara alusão à sua natureza primordial e criadora.

Ambos os deuses representam a ideia do caos que precede forma e ordem e da sua união foram criados os primeiros deuses: Lachmu e Lachamu, que à sua vez criaram a raça das divindades. Os descendentes dos deuses faziam muito barulho que irritava profundamente o ancestral Apsu, impedindo seu descanso, por isso ele decidiu matá-los. Uma vez tomada a decisão, Apsu convocou seu auxiliar Mummu e foram juntos a Tiamat, dizendo-lhe que a descendência de ambos deveria ser eliminada para que regressasse a tranquilidade. Tiamat, entretanto, aborreceu-se e rechaçou a ideia, pois embora estivesse perturbada com os ruídos dos deuses, Ela os perdoava como uma mãe tolerante e compassiva. Descoberta a intenção de Apsu, o filho Enki, deus da magia e das águas profundas, mata o pai, enquanto ele dormia,



usando recursos mágicos. Arrependido pelo seu crime, Enki se retira aos pântanos e constrói um templo e, para se redimir, deu-lhe o nome do pai, ou seja, o culto de Enki foi construído sobre o legado paterno. Neste refúgio Enki e sua esposa concebem o filho Marduk, um ser perfeito na sua forma e força, sendo abençoado por todas as divindades.

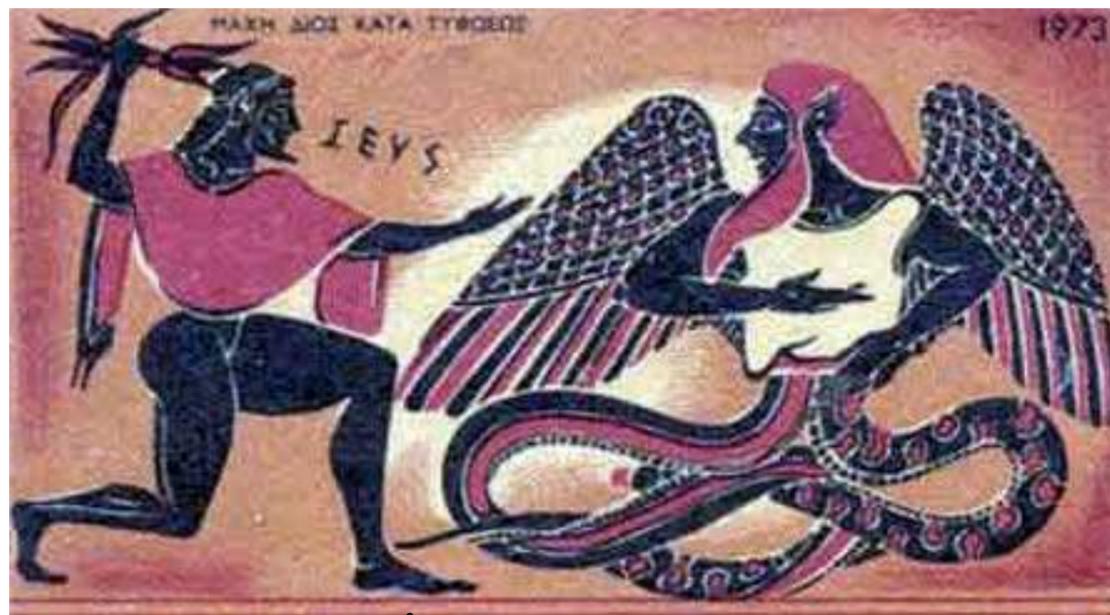
Tiamat não apoiava os planos de Apsu para destruir seus filhos, mas, diante da morte de seu esposo, passa a lutar contra eles. Enfurecida pelo assassinato do seu marido, Tiamat se transforma de mãe compassiva em esposa vingativa e assume o aspecto de Hubur, regente dos escuros rios subterrâneos. A Deusa encontra outro companheiro, Kingu, com quem gera vários monstros: serpentes de garras venenosas, homens-escorpiões, leões-demônios, monstros-tempestade, centauros e dragões voadores. Depois, partiu para a retaliação: designou Kingu como chefe de seu exército e o convence a liderar o exército contra os filhos rebeldes, entregando-lhe as Tábuas do Destino. Mas os jovens deuses se assustam com a ideia de lutar contra o poder de Tiamat e pedem ao deus solar Marduk intervir, prometendo-lhe que, após a vitória, seria honrado como deus supremo e dirigente de todo o universo.

Sentindo-se apoiado e com a ambição renovada, Marduk teceu uma rede e apanhou Kingu e todos os monstros, acorrentou-os e os atirou no Submundo. Partiu então para matar Tiamat: primeiro ele cegou a deusa-dragão com seu disco mágico, possivelmente representado pelo próprio Sol, pois o deus era também um herói-solar. Depois feriu mortalmente Tiamat com

uma lança, símbolo masculino da vontade ativa e da procriação e teve ainda o auxílio dos sete ventos para despedaçar a Deusa. Com metade do corpo dela ele fez o céu, e com a outra metade a Terra. Tomou sua saliva e formou as nuvens e de seus olhos e lágrimas fez fluir os rios Tigre e o Eufrates. Finalmente, de seus seios criou grandes montanhas e sua cauda tornou-se a Via Láctea. Os humanos foram criados a partir do sangue de Kingu. Marduk criou em seguida uma habitação para os deuses no céu, fixou as estrelas e regulou a duração do ano. Ele aprisionou os seguidores do casal divino e colocou em si as Tábuas de Destino, que tinham sido o presente nupcial de Tiamat para Kingu.

A versão do mito que incentivou a violência contra a mulher

Este mito, considerado o relato da Criação do mundo na mitologia babilônica, descreve na realidade a matança de Tiamat - a Criadora primordial da religião suméria, Senhora do Oceano da Vida - pelo seu descendente. Marduk usurpou o lugar e poder de Tiamat e, do seu corpo retalhado, criou a Terra, o céu, as estrelas e planetas e os seres humanos para servirem aos deuses. Para justificar o crime, a Deusa Criadora é acusada de ter gerado monstros malignos – serpentes venenosas e dragões destruidores – para se defender dos planos de Marduk. O contador do mito implora aos ouvintes para concordar com o crime e descreve com detalhes o esfacelamento do ventre grávido da Deusa, pisoteado por Marduk depois de tê-lo esfaqueado. Dessa forma, ao celebrar “a matança da Deusa”, incentiva-se a violência contra mulheres, tanto nas guerras, como nos lares em casos de subordinação e a necessária e recomendada punição. O texto de Enuma Elish usa diferentes argumentos para desacreditar a Deusa, que são também usados em outros mitos adaptados por escritores motivados por crenças patriarcais. Primeiro contestam-se os atributos de Tiamat como Deusa Criadora, regente do nascimento, morte e regeneração, acusando-a de gerar monstros; segundo, glorifica-se o herói que a mata e terceiro é enaltecido o ato de profanação do ventre materno, anteriormente reverenciado como Fonte da Vida. Esse mito era encenado anualmente nas celebrações



babilônicas de Ano Novo, o festival de Akitu, para reforçar seu significado ultrajante. O mistério da deusa-dragão e do seu valente oponente coloca em realce a vitória da consciência heroica representada por Marduk, em oposição à visão cíclica do mundo centrado em valores comunitários, onde o coletivo prevalece sobre o individualismo.

Marduk é o primeiro matador de dragões da história, o dragão sendo considerado a representação da energia telúrica e as próprias linhas de força da terra, chamadas pelos chineses de “veias do dragão”. Com a aceitação e perpetuação do mito de Marduk, uma nova ordem de criação foi iniciada, em que o feminino simbolizado pela Deusa se torna sinônimo com a natureza, com características selvagens, escuras, misteriosas, caóticas e perigosas. Marduk passa a representar a hierarquia de novas divindades masculinas, cuja lei era conquistar e dominar a natureza, visão que afeta nossa sociedade até hoje, enfatizando a separação entre espírito e matéria. O mito de criação babilônio influenciou as religiões patriarcais que inverteram os valores antigos, os deuses originais sendo declarados demônios e a nova ordem exaltada até a supremacia. Esta herança, até hoje existente na teologia judaico-cristã, enfatiza a oposição entre espírito e matéria, masculino e feminino e adota a dualidade como lei imutável.

O uso do conhecimento e das paixões humanas

Tiamat é considerada o mistério do caos, primal e incontrolável, passional na sua criatividade ampla e irrestrita, representada pela energia divina feminina. Ela é o Dragão do Caos, o poder assustador do desconhecido, a matéria primordial informe, recriada depois como a beleza deslumbrante da Terra. O mito de Tiamat personifica o medo humano perante o desconhecido e o conhecimento mal usado que pode levar à destruição, pois assim como o corpo de Tiamat

se tornou a base da vida, as nossas paixões podem ser forçadas e direcionadas de forma construtiva ou destrutiva.

Posteriormente, com o advento do patriarcado, a reverência a Tiamat foi sendo gradativamente substituída pelos cultos a deuses masculinos, a maioria reconhecida como sendo seus descendentes míticos, mais notadamente Marduk, retratado nas imagens matando e esquarterando sua própria ancestral. A criação do mundo por Marduk utilizando partes do corpo da Deusa é um fato bastante característico da ascensão dos mitos patriarcais sobre os matrifocais. Outros mitos babilônios menos patriarcais descrevem o processo de criação como um fluxo contínuo de energias

originadas do sangue menstrual da deusa Tiamat, armazenado no Mar Vermelho chamado Tiamat, em árabe. Foi essa a razão pela qual, mesmo após a interpretação patriarcal do mito na qual foi



acrescentada a figura de Marduk, foi mantido na Babilônia, durante muito tempo, o calendário menstrual celebrando os Sabbats e nomeando os meses do ano de acordo com as fases da Lua.

Tiamat não é apenas o monstro terrível (dragão) do abismo, tal como a via o mundo patriarcal daquele que a venceu, Marduk. Ela é não só geradora, como também a mãe legítima de suas criaturas, que se enfureceu quando Apsu decidiu matar os deuses que eram seus filhos. Somente depois destes terem assassinado Apsu, seu marido, o pai primordial, é que ela dá início à sua vingança e propaga a sua força destruidora.

Tiamat: o “Grande Círculo” que tudo contém

Tiamat representa o poder irracional dos primórdios e do inconsciente criador. Mesmo na morte, ela continuou a representar o mundo superior e o inferior. Marduk, ao contrário, é um legislador. A cada uma das forças celestes ele atribuiu um lugar fixo e, como Deus bíblico do Gênese, organizou o mundo segundo leis racionais que correspondem à consciência e à sua natureza solar. Tiamat não era uma Deusa cruel, mas

seus templos eram escondidos, devido a sua impopularidade, provavelmente por causa dos sacrifícios humanos que faziam parte de seus rituais. Isto mudou, em algumas cidades do Império, quando Tiamat passou a ser adorada abertamente e onde os rituais mais sangrentos eram executados raramente.

Como em incontáveis mitos, a origem de toda a vida teria vindo do mar primordial, quer na terra ou no céu, mas o que existe de comum em todas estas possíveis procedências são as trevas primordiais. É delas que se origina a luz, as estrelas e o dia acompanhado pelo sol. É esse fator comum, a escuridão da noite primordial como símbolo do inconsciente, que explica a identidade entre o céu noturno, terra, mundo inferior

e água primordial anterior à luz. Com efeito, o inconsciente é a mãe de todas as coisas, e tudo o que surgiu depois e permanece na luz da consciência está em uma relação filial com a escuridão.

Designa-se como urobórica a situação psíquica primordial que abrange os opostos e na qual os elementos masculinos e femininos, os

inerentes à consciência e os hostis a ela, confundem-se uns com os outros. Na Babilônia, a unidade masculino-feminina do urobóro era constituída por Tiamat e Apsu, que representavam o caos primordial da água. Mas é Tiamat o verdadeiro elemento de origem, mãe de todos os deuses, a possuidora das Tábuas do Destino. A existência original de Tiamat também resulta do fato desta ter sobrevivido à morte de Apsu e, quando finalmente derrotada pelo deus-sol patriarcal Marduk, formam-se a partir de seu corpo a abóbada celeste superior e a abóbada inferior das profundezas. Assim, mesmo depois de ter sido derrotada, ela permanece como o “Grande Círculo” que tudo contém.

Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes, Paula Nunes e Stella Matta Machado
Texto: Mirella Faur
Imagens de internet e pintura original de Susanne Iles
Informações: www.teiadeothea.org
Nane - 96779453 .. Andrea - 34084065
E-mail: deusaviva@teiadeothea.org